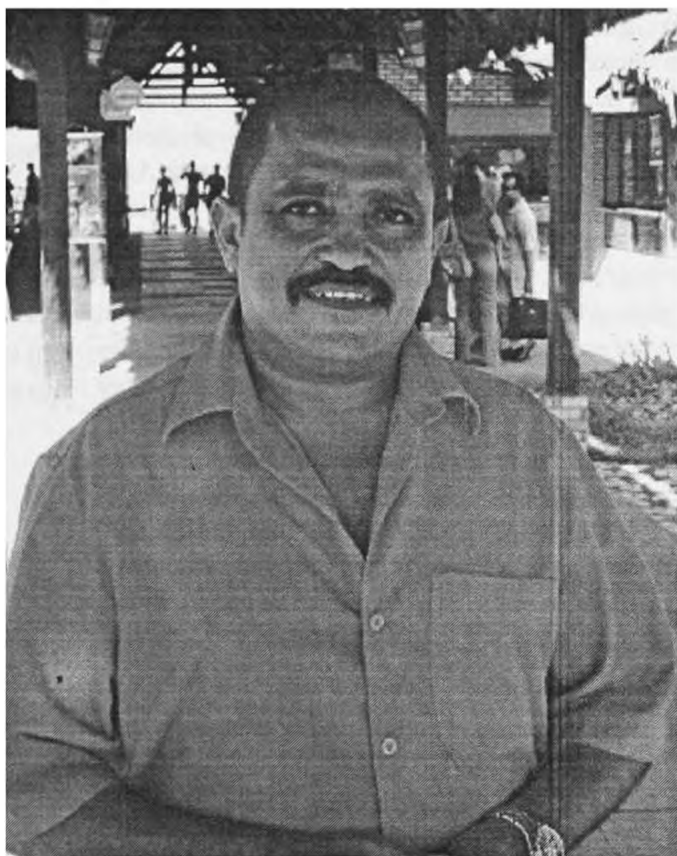


CHICO DO CARANGUEJO

Um administrador graduado pela escola da vida



Entrevista com Francisco
Lourenço Querino — Chico do
Caranguejo, em 19/10/2004

Produção, redação e
edição final:

Fernando Ramos, Juliana
Colares e Tarciana Campos

Texto de abertura:

Fernando Ramos

Participação:

Camila Vieira, Ciro

Câmara, Cristina Carneiro,

Daniel Sampaio, Fernando

Ramos, Humberto Leite, Juliana

Colares, Karine Wanessa,

Marcos Edson Cavalcante,

Maria Rita Ferreira, Paulo

Júnior Pinheiro e Tarciana

Campos

Foto: Igor Grazianno

Simplicidade, obstinação e vontade de trabalhar são as marcas da personalidade de Chico, um homem destinado a encarar a vida de frente, diuturnamente.

Num mundo de exageros a simplicidade não inspira, não incita, não merece destaque. Num mundo onde coisas pequenas são consideradas banais, o que chama a atenção é o diferente, é aquilo que faz questão de ser visto e apreciado. Num mundo onde a megalomania e a extravagância imperam, a maioria prefere o barulho, mas alguns ainda insistem em ver beleza no silêncio. Para esses poucos, Francisco Lourenço Querino, o Chico do Caranguejo, serviria de grande inspiração.

Para entender as minúcias que permeiam a personalidade de Chico do Caranguejo é preciso falar mais baixo do que ele: o grande empresário se torna pequeno quando precisa falar de si mesmo. Falando pouco e pra pouca gente, Chico talvez passasse despercebido, não falassem por si próprias as suas realizações: o homem que não gosta de aparecer é líder no mercado de venda de caranguejos no Ceará, principal fornecedor de cerca de 159 restaurantes e bares, proprietário de uma das barracas de praia mais populares de Fortaleza, dono de um supermercado e de uma madeireira.

Simples no modo ser, simples no modo de entender a vida. Para Chico, a transformação do garoto pobre em grande empresário foi um processo natural. De fato, os acontecimentos na vida de Chico parecem mesmo se encaixar num ritmo perfeito. Da vinda de Aracati para Fortaleza, quando começou a vender caranguejos com o pai, até a hegemonia que hoje detém no ramo, nunca houve planejamento. Se tivesse havido, Chico talvez não estivesse nas entrelinhas que o diferenciam dos demais. Não seria, como ele mesmo faz questão de definir, um “empresário de chinela”.

Sair das entrelinhas é algo que Chico não quer nem quando o assunto é trabalho, nem quando é o seu lado humanitário. Há quinze anos, ele reúne crianças carentes em seu sítio para comemorar o dia das crianças e faz questão de não fazer alarde em cima disso. Nas caminhadas que faz todos os anos à cidade de Camindé, quando distribui cestas básicas para comunidades que encontra no caminho, preserva-se de tal maneira, que nem os próprios companheiros de caminhada sabem que o Chico de São Francisco é também o Chico do Caranguejo.

A discrição não o permite ser visto pela maioria, mas o faz querido entre a minoria que o cerca. O princípio de incêndio ocorrido na barraca em julho de 2004, quando várias pessoas apareceram para ajudar a apagar o fogo, prova isso. A “fama” não faz Chico distribuir autógrafos. O retorno vem sob uma forma muito mais relevante: o reconhecimento daqueles com quem ele realmente se importa. Funcionários, amigos e filhos fazem questão de colocá-lo um degrau acima dos demais.

O degrau que o eleva se torna ainda mais alto quando se atenta para o fato de que Chico instituiu até um hábito cultural na cidade. Como tudo que fez até hoje, ele começou de mansinho, sem muitas pretensões, e o resultado está aí, estampado para quem quiser ver: toda quinta-feira à noite, ele leva uma média de 1.500 pessoas à sua barraca para comer caranguejo. Mil e quinhentas só na sua barraca. Nos outros bares e restaurantes da cidade, um número igual ou maior de pessoas ajuda a perpetuar o costume que ele criou.

Os poetas têm o privilégio de ficar para a posteridade através de suas obras, mas nem sempre os grandes empreendedores têm a mesma sorte — o feito de se eternizar através de ideias é algo por poucos conquistado. A “quinta do caranguejo” pode durar ainda por muito tempo, mas quem garante que o seu criador não vai ser esquecido? Para afastar esse risco, a Revista Entrevista, através das páginas a seguir, declara perpetuada a história de Francisco Lourenço Querino. Afinal, já que ele não gosta de aparecer, alguém tinha de dar uma forcinha.

Tarciana – Quando a gente conversou com você, antes da entrevista, a gente soube que você veio de Aracati (cidade litorânea do Ceará, distante 155 km da capital) para Fortaleza. Então, a primeira pergunta é, exatamente, nessa vinda de Aracati para cá, assim que você e a sua família chegaram... Como era a vida de vocês, assim que vocês chegaram em Fortaleza?

Chico – Olha, era uma vida simples, né? Quando a gente veio de Aracati para cá em busca de alguma coisa... Na época, eu tinha o quê? Seis anos de idade... De cinco para fazer seis anos. E tivemos várias dificuldades. Naquela época, meu pai já trabalhava com caranguejo, mas não tinha valor. Naquela época, era comida de pobre, né? Gente simples. Hoje não, que caranguejo só come quem tem condições, né? Mas antigamente a gente vendia caranguejo dentro de ônibus, naquelas paradas de ônibus, porque realmente só comia mesmo aquele pessoal mais simples. Era tanto que a gente vendia todo dia, todo dia, nessas feiras. Agora não, só sábado, domingo e feriado, né? Aí, foi nossa vida como começou.

Maria Rita – Chico, agora, se era difícil trazer o caranguejo pra cá e, como você disse, era comida de pobre. Então, por que o caranguejo? Por que vocês não resolveram vender outro tipo de coisa?

Chico – Olha, naquela época, meu pai (João Lourenço Filho) começou a trabalhar com caranguejo e a única coisa que ele sabia fazer era aquilo, né? Embora tivessem outras coisas aqui em Fortaleza, mas nós nunca... Procuramos sempre se dedicar àquilo

ali, achando que um dia ia melhorar, ia melhorar e... A única coisa que a gente sabia fazer era vender o caranguejo.

Fernando – Mas como é que foi o início do trabalho com o caranguejo? Foi logo depois que você chegou de Aracati com a sua família... O seu pai começou trabalhando e você começou a trabalhar com ele?

Chico – Foi, porque a gente já veio para cá com aquelas intenções do caranguejo, que era do Aracati, que era o único lugar, praticamente, que a gente conhecia caranguejo.

"Às vezes, eu digo para o pessoal que eu fui casado com doze anos de idade. Eu tô, desde os doze anos, que eu tô ali cuidando da minha mãe, dos meus irmãos..."

Nós não sabíamos que tinha caranguejo em outra parte, só Aracati. Então, ele (o pai) já veio com aquelas intenções de trazer o caranguejo para cá.

Tarciana – Chico, e outra coisa é que vocês moraram no Pirambu... (bairro localizado na Zona Oeste de Fortaleza, conhecido, historicamente, pela alta taxa de criminalidade).

Chico – É, morei muito tempo no Pirambu...

Tarciana – Você lembra de alguma coisa dessa época?

Chico – Não, lembro... O sofrimento mesmo que a gente passava. A gente... Trocava muito de casa, porque, naquela época, a gente pagava casa de aluguel. Praticamente, não tinha condições de estar sempre mantendo o aluguel e a gente se mudava muito, né?

Cristina – O senhor fala muito de trabalho. O senhor

começou a trabalhar muito cedo, com oito anos...

Chico – Muito cedo. Eu, com seis anos, já ia de pés para o Centro com o meu pai. Ele já me levava com seis anos de idade.

Cristina – O senhor se lembra... A sua infância, as brincadeiras com seus irmãos... O senhor se lembra de alguma coisa no Pirambu, das brincadeiras... O senhor brincava de quê?

Chico – Eu não tive infância, nunca, nunca. Sempre foi o trabalho. Eu tenho saudade da infância, porque eu nunca tive.

Juliana – Você tinha que sustentar toda a família, com o pai. Eram quantos irmãos?

Chico – Seis. Eram sete, faleceu um, né?

Juliana – E era só você que trabalhava?

Chico – Era, só eu que trabalhava. Eu era o mais velho. Aí, eu com (tenta se lembrar)... Doze anos, meu pai faleceu e deixou eu como responsável pela casa... Às vezes, eu digo para o pessoal que eu fui casado com doze anos de idade. Eu tô, desde os doze anos, que eu tô ali cuidando da minha mãe (dona Clotilde Querino da Silva, 67 anos), dos meus irmãos... Estudo para eles. Eu não... Eu não estudei (Chico cursou até a quarta série do Ensino Fundamental), mas sempre procurava dar o que eu podia a eles.

Humberto – E como era essa responsabilidade, Chico?

Chico – Olha, era uma responsabilidade de casado mesmo... Tem que pagar aluguel, luz... Tem que buscar a farinha, o açúcar. Só tinha eu para isso, né? Só tinha eu. Eu era o mais velho.

Daniel – E com doze anos, o senhor já manjava dessa his-



No primeiro contato, os alunos mostraram alguns exemplares da Revista Entrevista para convencer Chico a ser um dos entrevistados. "Quanto vai me custar sair nessa revista?", perguntou, desconfiado.

Os alunos, surpresos e segurando o riso, fizeram questão de explicar que era de graça. Na hora de ir embora, Tarciana disse, entre gargalhadas: "Menino, a gente era que devia pagar pra ele participar da revista".



A equipe de produção tentou marcar a pré-entrevista numa segunda-feira, achando que Chico estaria disponível. "Não. Segunda eu desapareço", disse Chico, deixando, mais uma vez, a equipe sem graça.

tória de caranguejo, de ir buscar o caranguejo?

Chico – Já, já... Já começava, porque eu comecei com seis anos de idade... Meu pai me mostrou as coisas e eu com doze anos já tinha pelo menos uma noção...

Fernando – *A questão dos estudos. Atrapalhou muito o fato de você começar a trabalhar muito cedo?*

Chico – Ah, atrapalhou porque eu não tinha como estudar, né? Eu trabalhava na parte da manhã no caranguejo e, à tarde, eu ia atrás de qualquer coisa, qualquer arranjo, fazer favor, era... Fazia mandado para os outros. Tinha que fazer qualquer coisa para arrumar o feijão pra dentro de casa.

Fernando – *Você se arrepende de não ter tentado conciliar? Você falou que não dava, mas você se arrepende de não ter insistido mais? Hoje em dia, sente falta?*

Chico – Não, não... Sinto não (sorrindo).

Tarciana – *Chico, essa questão que você falou de ter sustentado a família quando seu pai morreu. Quando a gente estava aqui fazendo aquele trabalho antes da entrevista, a gente conversou com o seu irmão (José Wilson Querino Lourenço, o "Irlim", 26 anos, perdeu "as contas" de há quanto tempo trabalha na barraca. No momento em que a equipe de produção conversava sobre Chico, Irlim não parou de trabalhar: matava e escovava caranguejos) e ele realmente falou: "O Chico é o pai que a gente não teve".*

Chico – Ai, ele falou foi? (sorrindo).

Tarciana – *Foi (risos). O que é que você acha de uma afirmação como essa?*

Chico – Não, tá certo. Ele falou a verdade.

Humberto – *E o seu pai, Chico?*

Chico – Olha, ele era um homem muito trabalhador, né? Mas, naquela época, ele se desgastou muito com a bebida. Mas era um homem bom para dentro de casa.

Karine – *Voltando aqui à questão dos estudos. Tudo que você construiu, você fez por causa da sua experiência de vida, da sua visão comercial. No entanto, você sempre se preocupou, pelo que eu li, com a educação dos seus filhos.*

"(...) quando você vive trabalhando, você tem que dar valor. Você tá vendo os exemplos que negócio de droga não vale a pena a nada".

Por que você considera tão importante os estudos?

Chico – Porque a gente vai vendo, a cada dia que passa, o estudo é mais importante. Antigamente não, era mais simples, você não... Quase os estudos não tinham valor, mas hoje você vai vendo que... Hoje até um empregozinho... Hoje mesmo, eu chamo uma pessoa aqui para trabalhar num escritorzinho qualquer e já começa a exigir... Computador, né? Então, antigamente, não tinha isso... Por isso minha preocupação... Dei (estudos) para os meus irmãos e estou dando para os meus filhos.

Camila – *E você falou que seu pai também era muito trabalhador. E a sua mãe também ajudava?*

Chico – Ajudava, mas só em casa.

Camila – *Mas ela era enfática assim no trabalho também como o seu pai?*

Chico – Era, ajudava muito.

Humberto – *Chico, o seu pai acabou se tornando alcohólatra e quando ele faleceu você teve de ter essa condição de sustentara casa. Quando você era adolescente, já trabalhava... Você teve alguma coisa assim... Evitou alcoolismo, droga, roubo? Como é que você manteve isso longe de si?*

Chico – Ah, droga, é... Naquela época, morava no Pirambu, um lugar perigoso, existia muita tentação, mas, graças a Deus, nunca chegou para esse lado. Mas tentação existia muita, muita facilidade naquela época.

Humberto – *E como é que você se manteve distante (das drogas)?*

Chico – Olha, acho que é o destino mesmo. A gente, quando não é para dar com aquela coisa, evita os maus exemplos. Na época, eu era um cara trabalhador. Eu não era, nunca fui, um cara assim... Como se usa a palavra... Vagabundo, esse pessoal que vive sem fazer nada. Não, quando você vive trabalhando, você tem que dar valor. Você tá vendo os exemplos que negócio de droga não vale a pena a nada.

Juliana – *Chico, quando seu pai faleceu... A gente viu, pelas informações, que vocês trabalhavam basicamente para se auto-sustentar. Depois que ele morreu, você teve o pensamento de redirecionar os negócios e, no caso, pensar em montar uma empresa? Ou foi uma coisa natural? Montar uma barraca?*

Chico – Não, foi uma coisa natural. Naquele tempo, era negócio simples, nós não tínhamos nada montado, era uma coisa mesmo dando "continualidade" aos trabalhos

No segundo contato da produção com Chico, já para fazer a pré-entrevista, um garçom da barraca atendeu à equipe, dizendo que Chico logo viria.

que a gente fazia, que era a vendazinha simples. Na época, a gente vendia caranguejo nas feiras livres e continuamos...

Daniel – E nessa época o caranguejo vinha de onde?

Chico – Aracati (o mangue da cidade foi o primeiro local de onde Chico trazia caranguejo para vender na capital).

Fernando – E eram vendidos (os caranguejos) nas feiras e quais outros locais?

Chico – Vendido nas feiras, na Praça do Carmo, na Praça do Ferreira, (Praças localizadas no Centro de Fortaleza), ali nos nossos pontos no Mercado São Sebastião (o maior mercado público da capital cearense).

Daniel – Quem era o seu maior cliente naquela época? O senhor lembra?

Chico – Não, naquela época, nós não tínhamos, não, que era o pessoal do dia-a-dia mesmo, pessoal de feira. Naquela época, nós não tínhamos cliente certo não, a gente ia pras feiras e lá vendia pros primeiros que apareciam.

Maria Rita – Chico, e alguma vez você imaginou que esse trabalho todo ia dar nisso?

Chico – Não, eu nunca imaginei não.

Cristina – Chico, só voltando aqui um pouquinho para a questão do estudo que você tava falando com a Karine. O senhor acha que se tivesse, ao invés de gastar a maior parte do seu tempo trabalhando, tivesse estudado, o senhor teria chegado onde chegou?

Chico – Não, eu acho que não.

Daniel – Ainda em relação ao estudo, se, hoje em dia, o senhor tivesse a oportunidade de ter continuado, qual a pro-

fissão que o senhor escolheria? Médico, advogado, jornalista... O senhor tinha esse sonho quando era criança?

Chico – Olha, sempre eu tive um sonho, quando eu era criança, de ser policial civil.

Karine – Você disse que não tinha pensado ainda em ser vendedor na barraca, né, inclusive quando você comprou, aqui, a barraca, ela de início serviu como depósito (o primeiro investimento de Chico na Praia do Futuro foi a compra da barraca Meu Garoto, que serviu inicialmente para o depósito de caranguejos)...

"(...) eu era, praticamente, o dono do caranguejo, né? Então, graças a Deus, não tivemos muita dificuldade. Já tava com o ouro na mão que era o caranguejo."

Chico – Foi, exato.

Karine – Então, como foi que essa atividade veio? Montar a barraca, passar a vender caranguejo, ter um ponto comercial?

Chico – Não, as coisas foram modificando. Aquelas vendas do Centro, do caranguejo foram se acabando e foi criando, aqui (na Praia do Futuro), aquelas barracas de praia. Começou uma, duas barracazinhas, e foi quando a gente foi tendo idéia que ia dar alguma coisa, já tinha alguma coisa de futuro, certo? A gente começou a ganhar mesmo com caranguejo, quando começamos a vender pro pessoal de praia. Aí, foi quando (veio) a idéia de montar um depósito aqui, que tava vendo que o negócio tava melhorando.

Humberto – Chico, você fazia todo esse trabalho a pé?

Quando é que você começou a ter veículo para poder fazer esse...

Chico – Ah, isso... Fiz esse trabalho por muito tempo. A gente alugava táxi, naquela época, jipe, a gente andava muito de ônibus. Naquela época, nós levávamos surrões e surrões dentro do ônibus... A gente levava umas sacas, tipo saca de farinha, botava dentro do ônibus e levava pra qualquer lugar.

Paulo Júnior – Chico, como era sua rotina? Você acordava que horas?

Chico – Todo dia eu me levanto quatro, cinco horas da manhã. Hoje, ainda, a minha esposa, nós discutimos todo dia, que ela quer que eu fique em casa até sete, oito horas, e eu não consigo. Cinco horas da manhã, no máximo, eu tô levantando, em qualquer lugar que você possa imaginar.

Fernando – Chico, no início da barraca, quais foram as maiores dificuldades enfrentadas?

Chico – Não, no início, graças a Deus, eu não tive muita dificuldade, porque sempre, aqui, nessa barraca, a matéria-prima principal era o caranguejo e eu era, praticamente, o dono do caranguejo, né? Então, graças a Deus, não tivemos muita dificuldade. Já tava com o ouro na mão que era o caranguejo, né?

Juliana – Quais eram os outros concorrentes na época?

Chico – Olha, na época, praticamente, a concorrência era pouca. Não tinha quase concorrência, não. Eu me lembro que eu passei doze, dez ou foi onze anos sendo exclusivo aqui, no Ceará, em caranguejo. Qualquer um de vocês que pudesse imaginar comprar caranguejo tinha que ser comi-



Tentando puxar assunto, ele perguntou se a equipe já tinha ido curtir uma caranguejada na quinta-feira. "Não", responderam os alunos. Surpreso, ele pergunta: "Vocês são daqui?"

Na espera por Chico, a equipe sentou a uma das mesas da barraca e o avistou conversando com duas moças que portavam um rádio idêntico ao que se usa na redação do Diário do Nordeste.



"Putz grila, o Diário vai fazer uma entrevista com o Chico antes da gente!", aperreou-se Fernando. Para a sorte da equipe, as moças não eram jornalistas e o rádio era de Chico.

go. Inclusive, teve uma época, um delegado da polícia federal mandou me intimidar porque eu tava formando não sei o quê (*Chico foi acusado de formar monopólio*). Eu não tenho culpa de eu ter sido, naquela época, eu passei de dez a onze anos sendo o número um em caranguejo, aqui.

Juliana – *Você se lembra quantas barracas existiam naquela época?*

Chico – Não... Era coisa pouca. Quinze barracas.

Karine – *O João Airton (João Airton Holanda Sousa, engenheiro de pesca e proprietário da Só Mariscos, é melhor amigo de Chico) disse que, no começo, você queria se desfazer da sua barraca por conta das dificuldades que você enfrentou. Você já tinha experiência nesse negócio ou você começou sem qualquer experiência anterior? Aprendeu tudo na "marra"?*

Chico – É, naquela época, o meu forte sempre foi o caranguejo. Então eu senti um pouco de dificuldade como, agora, tô sentindo dificuldade no supermercado (*Super Expresso*) que eu abri aqui na (avenida) Santos Dumont. Só tá o quê? Com cinco meses. Eu tô tendo essa mesma dificuldade quando eu tive, aqui, na barraca. Na época, eu sabia vender caranguejo, mas não sabia mexer com bebida... Mas aí, com o tempo, graças a Deus, foi dando certo.

Tarciana – *Chico, como foi que se deu essa transformação do depósito em barraca?*

Chico – Já que comprei (a barraca *Meu Garoto*) pra botar um depósito de caranguejo e, como já, era uma barracazinha, tinha umas dez mesas. Então, o cliente começou a querer comprar uma cerve-

jinha. Um próprio vizinho meu disse: "Rapaz, por que tu não aproveita e vende alguma coisa e fatura os dois lados ao mesmo tempo?" E eu, pra não perder tempo, eu morava longe, do Pirambu pra cá (*para a Praia do Futuro*)... Naquela época, era uma viagem, hoje, não, é pertinho. Então comecei a vender alguma coisa, né?

Fernando – *A fama da barraca, hoje em dia, deve-se muito às quintas-feiras, né? Como é que começou essa história da quinta-feira?*

Chico – Olha, a quinta-feira, nós sempre, como era um

"Durante a semana, de segunda a sexta, é turista, noventa por cento. Já no sábado e domingo, o contrário, quase cem por cento é cearense".

depósito de caranguejo, deixávamos a barraca aberta. Quando dava certo vendia alguma coisa, (*quando não*) não vendia. Nós passávamos a noite aberto, noites e noites sem vender nada. Naquela época, nós só matávamos o caranguejo quando chegava o cliente. Demorava até mais um pouco, né? Hoje, não, quando você chega na barraca o caranguejo já tá morto. Mas, naquela época, não, nós demonstrávamos. A gente matava na hora, porque não sabia se ia aparecer cliente. E foi quando surgiu um pessoal de São Paulo, exatamente na quinta, como poderia ter sido em outro dia, e mandaram matar uns caranguejos e encomendaram pra na outra quinta-feira, (*quando*) tava chegando um grupo de amigos... (*Perguntaram*) Se podia trazer um violão... Foi uma coisa que

aconteceu natural, como poderia ter acontecido noutro dia. Aconteceu na quinta, mas...

Marcos – *Você já tentou transferir para outro dia?*

Chico – Não, tentei fazer outro dia, mas não deu certo.

Ciro – *Chico, você ainda mantém contato com esse pessoal (os paulistas, primeiros clientes de Chico nas quintas à noite)?*

Chico – Não, não me lembro mais não.

Ciro – *Não? Mas você tá agradecido a eles pela frequência no início da barraca?*

Chico – Ah, teria demais. Primeiro a Deus, segundo a eles.

Karine – *Você procurou estabelecer esse dia como o dia que... você viu que isso seria uma estratégia ou foi uma coisa natural?*

Chico – Não, foi natural, porque eles chegaram e perguntaram se podia na próxima quinta-feira... Trazer os amigos. Aí, tinha no máximo dez pessoas, algum carro que ia passando por ali viu, né. Aí depois de três ou quatro quintas-feiras que eu resolvi botar um cara no violão pra ver se dava certo, foi pegando aos poucos...

Cristina – *O senhor se lembra em que ano esses paulistas vieram aqui e começou tudo isso?*

Chico – Em torno de 20 anos atrás.

Fernando – *Da trajetória da barraca até agora, eu queria que o senhor me dissesse qual foi o pior momento pelo qual vocês passaram e o melhor.*

Chico – (*Pausa*) Não, o pior momento foi com a perda da minha esposa (*primeira mulher de Chico, Maria José Silva Lourenço, a dona Zeza*), tá com uns cinco

No dia 2 de outubro, ao chegar à barraca "O Mendres", para entrevistar o concorrente de Chico do Caranguejo, a sandália de Tarciana quebrou.

anos...O resto só vitória mesmo, graças a Deus...

Fernando – *Mas a quinta-feira teve uma grande mudança de público e empreendeu também todo um costume na cidade de Fortaleza, né. A partir daí, o lucro da barraca foi muito maior? Teve uma grande diferença do pré-quinta-feira e o pós-quinta-feira?*

Chico – É, nós... Graças a Deus, depois foi só crescendo, os pontos foram crescendo...

Juliana – *Chico, hoje, numa quinta-feira à noite, quantas pessoas vão para a caranguejada? Uma média?*

Chico – Olha, essa quinta-feira (14 de outubro de 2004), por exemplo, essa agora que passou, nós tivemos mil e cinquenta pessoas, mas, na quinta-feira da alta estação, nós chegamos a colocar até duas mil e quinhentas pessoas aqui na casa.

Maria Rita – *Chico, sobre a popularização da época do começo das quintas-feiras, você foi adquirindo todo um trato com a clientela, né? Então, eu queria saber, como foi a sua convivência na época que começaram a vir prostitutas pra cá. Como você conviveu com elas?*

Chico – Olha, na época, a gente tinha até um pagode no domingo, acabei agora. Não sei se vocês viram um empreendimento que fiz agora... Uma piscina nova. Vocês viram, não? (faz uma pausa, esperando a turma responder). Um negócio meu. Naquela época, como dono da casa, eu tinha que receber, tratar bem... Comerciante, jamais você pode expulsar ninguém... E, com o tempo, eu fui vendo que não era o público que eu queria e resolvi acabar com o pa-

gode, modificar o sistema de som da casa. Naquela época, ninguém cobrava pra entrar nas quintas-feiras. Cobrava um simbolicozinho simples, cover (couvert, taxa cobrada em alguns estabelecimentos pela música ao vivo). Hoje nós cobramos doze reais por cabeça. Então, aí, modificou que elas se afastaram, né. Hoje, graças a Deus, nós temos uma casa cem por cento familiar.

Daniel – *Agora, o público, a maior parte é turista...*

Chico – Nós temos dois públicos aqui na casa. Durante a semana, de segunda a sex-

" (...) o turista vem, às vezes, pede até o garçom pra ensinar (a comer caranguejo). Ele compra o caranguejo, ali, estraga(risos)"

ta, é turista, noventa por cento. Já no sábado e domingo, o contrário, quase cem por cento é cearense.

Karine – *Mas, nas quintas-feiras, a maior frequência de público são os turistas ou são...*

Chico – Turistas, turistas.

Karine – *Porque os turistas, pelo que você já disse, em entrevistas anteriores, não costumam comer caranguejo...*

Chico – É. Inclusive a nossa venda de caranguejo na quinta-feira, tem restaurante aqui, como o Itapariká (barraca concorrente do Chico do Caranguejo) e outros, que vendem mais caranguejos do que eu na quinta-feira. E quem come caranguejo mesmo é o pessoal da terra.

Humberto – *O turista come o que, aqui?*

Chico – Não, o turista vem, às vezes, pede até o garçom pra ensinar (a comer caran-

guejo). Ele compra o caranguejo, ali, estraga (risos). O forte mesmo é a casquinha, a patinha, o camarão.

Fernando – *Chico, falando agora um pouquinho sobre o seu trabalho de distribuidor de caranguejo. Você falou, em entrevistas anteriores, que várias pessoas já tentaram ingressar nesse negócio de fornecedor de caranguejo e nunca dá certo. Por que dá certo para você e não dá certo para eles? Seria por causa da experiência...*

Chico – É, o caranguejo... A experiência. Ontem mesmo chegou um rapaz aqui querendo entrar no ramo. Eu falei pra ele que era muito complicado. É um negócio que depende de maré, de você ter coragem de trabalhar, não tem hora para trabalhar... Você tem que viajar no meio do mundo, entrar lá nos mangues, tá certo? Hoje eu tenho muita inveja... Os meus inimigos (atrapalha-se. Na verdade, Chico se refere à inveja que os inimigos têm dele)... Não é por causa que tenho alguma coisa, mas é porque eu tenho mesmo é vontade de trabalhar, tem que ter coragem, tá em cima.

Maria Rita – *Chico, como um grande distribuidor, o senhor acompanha os trabalhos de preservação do caranguejo nos mangues, as leis?*

Chico – Ah, nós acompanhamos direto... Meu pessoal lá... Nós não podemos pegar o caranguejo abaixo de seis centímetros, nem caranguejo fêmea, de jeito nenhum. Estamos sempre em cima ou fiscalizando.

Humberto – *Chico, o período do defeso, o último, ele começou no dia 1º de dezembro e terminou dia 31 de maio.*

Chico – Certo.



Tarciana, que não estava com roupas adequadas para praia, trajava calça, blusa e usava o cabelo preso, teve de andar mancando. "Se ao menos eu tivesse com roupa de praia, daria pra disfarçar", brincou.

Os produtores ficaram impressionados com o corre-corre da barraca no sábado. Rádios de escuta, leva e traz de caranguejos, entra e sai de pessoas no escritório, sempre com pressa. "Parece até uma redação!", constatou Juliana.



Durante a entrevista que a equipe de produção fez com a funcionária da barraca, Socorrinha, ela disse que Chico costuma contratar as pessoas com as quais "ele vai com a cara".

Humberto – *É justamente numa época de alta estação.*

Chico – Certo.

Humberto – *Como é que pode, durante essa época, conseguir preservar o caranguejo e ainda assim manter a venda aqui na barraca e pros outros restaurantes?*

Chico – Não, esse período de defeso aí foi um cálculo errado que o próprio Ibama (*Instituto Brasileiro do Meio-ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis*) fez, tá certo? E não tinha cabimento aquilo ali. E hoje, nós temos muitos mangues, não tem perigo de faltar caranguejo, não.

Juliana – *Chico, você já teve algum problema com o Ibama?*

Chico – Não, graças a Deus, não. Teve uma época aí que eles inventaram de fiscalizar e chegaram a prender nosso barco por uma hora ou duas horas, no máximo. Mas não tem como você fiscalizar uma "carrada" de caranguejo, porque é muito caranguejo, principalmente, de madrugada, que é o período que a gente anda, né?

Daniel – *O senhor falou que caranguejo é uma coisa que não acaba, né? Mas o senhor já veio de Aracati, lá acabou o caranguejo?*

Chico – Isso.

Daniel – *Camocim, Chaval (cidades litorâneas do Ceará)... Outras estatísticas mostram que noventa por cento dos mangues do Equador já acabaram. Mas, o senhor, mesmo assim, insiste em dizer que o caranguejo não vai acabar. O que é que o senhor pensa dessas estatísticas?*

Chico – Naquela época, o pessoal mesmo que quisesse ser bem educado, mas não podia, tava todo dia naquele man-

gue. Hoje, lá em Parnaíba (*Vale do Parnaíba, na divisa dos Estados Piauí e Maranhão*). Hoje, a maior área de extração do caranguejo no Nordeste), nós temos uma área de mangue muito grande. Vamos supor que se divida em vinte setores. Então, nós temos uma turma que passa aqui... Eles passam dois ou três meses trabalhando (*revezando-se em cada setor*). Na época, Aracati e Camocim são uns mangues pequenos que era obrigado pessoal ficar ali até acabar.

Ciro – *O senhor já tem um planejamento, caso não dê*

"Naquela época, eu tava desde a hora em que eles iam pro mangue, eu que mandava eles pro mangue, que eles recebiam. Hoje não, o negócio já modificou (...)"

certo mais essa questão de catar caranguejo na Parnaíba... Já tem algum outro local em vista? Na Parnaíba tá bem ainda?

Chico – Tá bem. Nós já estamos já perto do Pará. Já estamos trazendo algumas mercadorias de lá.

Humberto – *Ô, Chico, em março deste ano você deu entrevista e o senhor falou que há três anos eram cerca de dez mil caranguejos por mês, na Parnaíba. Sendo que agora só está cerca de quatro mil por mês. Essa queda de coleta de caranguejo lá... Tá realmente acontecendo isso? Tá acabando?*

Chico – Olha, exatamente, nós já estamos buscando no Pará para economizar um pouco, para dar mais tempo lá, entendeu?

Fernando – *Voltando um pouquinho pro trabalho aqui*

na barraca. O trabalho aqui é bem familiar, né? Você emprega seus irmãos, seus filhos. Eu queria saber as vantagens disso, de se ter a família aqui dentro, e as desvantagens.

Chico – A vantagem é que a gente se sente mais seguro, quer dizer, uma casa dessa aqui, que trabalha os filhos... Hoje, da família, aqui, só acho... Minha própria secretária é a minha afilhada, minha sobrinha. Eu mandei botar aqui, acho que umas quinze pessoas, por aí, da família. Então, fica mais difícil algum funcionário fazer alguma coisa errada, porque tá sabendo que tá sendo vigiado toda hora, né? Essa é a vantagem que eu vejo com todo mundo aqui dentro.

Humberto – *Ô, Chico, o pessoal que coleta o caranguejo são famílias que fazem essa... Procuram caranguejo no mangue ou são funcionários mesmo?*

Chico – Não, são funcionários mesmo.

Humberto – *Há também um período em que tem que catar menos caranguejo, essas pessoas têm algum tipo de compensação, já que é a única fonte de renda delas?*

Chico – Tem não. É só isso mesmo. Eles trabalham com roça de arroz, essas coisas lá. Quando dá uma paradinha, eles, às vezes, fazem as atividades.

Juliana – *Existe algum contrato com essas pessoas, os catadores?*

Chico – Não. Existe não. São pescadores normais, vão pro mangue e ganham por produção.

Ciro – *Por que eles são tão fiéis a você?*

Chico – Eles procuram aqueles que realmente têm um trabalho bem feito, nunca en-

Diante da afirmação da funcionária, Juliana logo pensou: "Pelo menos se terminarmos a faculdade sem emprego, pediremos um ao Chico".

ganou, dentre os vários, né. Os vários concorrentes chegam lá, com a cara de santo, passam seis, sete meses, enganam os coitados, e aí... Eu tenho o quê? Eu tenho uma história, tô na frente lá, vivo lá direto, junto com eles e eles já sabem mais ou menos porque... Por isso... A dificuldade do concorrente entrar. Pelo próprio pessoal da região lá, sabe com quem deve trabalhar. Mesmo que você chegue e coloque um trocado a mais em cima do meu valor, ainda têm alguns que se vendem, mas depois eles vão ver que não recompença...

Tarciana – Por que, Chico?

Chico – Eu pago bem, relativamente bem, negócio direito. Às vezes, a gente paga em dia, às vezes, a gente paga com oito, dez dias, mas sempre direitinho, mantendo aquele trabalho sério.

Marcos – *E são quantos funcionários agora na barraca?*

Chico – Hoje nós temos 79.

Humberto – *E de catadores?*

Chico – Não, o caranguejeiro (*refere-se aos catadores*), aqui, não.

Humberto – *Não, de catadores (em Parnaíba)?*

Chico – Olhe, lá entre mulher e homem nós temos em torno de mil, entre mulher e homem. As mulheres fazem o trabalho da carne, casquinha, e...

Humberto – *O senhor tem idéia, mais ou menos, de quanto é a renda de cada um dos catadores, de quanto eles conseguem tirar?*

Chico – Não, hoje eu deixo, lá, na Parnaíba, em torno de cento e trinta mil reais mensais.

Karine – *Chico, você disse que uma das principais dificuldades dos concorrentes é justamente a distância. Você*

ter que se deslocar até lá e trazer o caranguejo é um trabalho muito penoso. E com relação a isso, muitos caranguejos também acabam morrendo durante o transporte.

Chico – É. Exato.

Karine – *Então, você já pensou em alguma forma de conseguir melhorar as condições, de forma que eles morram menos?*

Chico – Não. Nós já procuramos vários tipos de transporte... Nenhuma conseguiu de jeito nenhum. Inclusive, tão levando caranguejo congelado pra Recife, mas eu ouvi dizer

"Esses barzinhos foram surgindo mesmo, dia a dia, de um por um e eles foram criando, aproveitando a carona da quinta-feira".

que não é o mesmo sabor. Nenhum daqueles caranguejos tem o sabor. Caranguejo é aquele que você mata na hora, ali. Entendeu?

Camila – *Você falou, inclusive, que apareciam japoneses aqui.*

Chico – Exato. Vieram pra ajudar a mando do Ibama, entendeu? Levaram até em carro fechado, esfriado, com gelo, com as coisas, mas não teve maneira de nada...

Tarciana – *Chico, quando vocês passaram a ir pra Parnaíba, você sempre tava acompanhando, né? Fazendo viagens...*

Chico – É, sempre...

Tarciana – *Como eram essas viagens?*

Chico – Olha, naquela época, o caranguejo sempre é obrigado você tá em cima do pessoal. Os caranguejeiros são um pessoal, uns cabeça boa,

outros cabeça meio dura, aquele pessoal simples. Então, você tem que tá em cima. Naquela época, cheguei dar até quatro viagens por semana. Então, é um trabalho que... Difícil, você tem que tá em cima. Você tem que tá desde quando eles recebem... Naquela época, eu tava desde a hora em que eles iam pro mangue, eu que mandava eles pro mangue, que eles recebiam. Hoje não, o negócio já modificou, a gente já...

Tarciana – *E hoje já tá no Pará, né?*

Chico – Já tá no Pará.

Tarciana – *Como é essa viagem hoje? Como é que se faz?*

Chico – É normal, igual... É de caminhão, né? São dois dias de lá pra cá.

Tarciana – *Mas é você que vai?*

Chico – Não. Hoje não é mais eu, porque eu já botei aquelas pessoas de minha confiança, né? Hoje eu tô viajando o quê? Uma vez por mês. Hoje eu vou mais pra fiscalizar. Por exemplo, essa semana... Vou mandando dinheiro pra um gerente meu que eu tenho em cada lugar, e eu viajo mais pra fiscalizar, (*para ver*) se ele pagou o meu pessoal. Porque lá, onde os meus homens tão trabalhando, é interior, não tem banco, tá longe da cidade, não tem telefone. Teve uma época de eu passar três meses ou quatro sem viajar. Quando eu cheguei lá, o pessoal já tava cra querendo me prender, me esculhambando por que eu tava devendo um absurdo. Mas não era eu quem tava devendo, eu mandava o dinheiro e o meu gerente não pagava, né? Agora, hoje, eu sou obrigado a viajar pelo menos uma vez por mês só pra fiscalizar. Eu chego em cada turno



Em 12 anos de produção de Revista Entrevista, o gravador do professor Ronaldo Salgado parou de funcionar pela primeira vez durante a entrevista de Chico. A solução foi pedir emprestadas as fitas para a equipe de produção.

No escritório de Chico, prêmios como o Top Image 96 e 97 (pesquisa de recall e de conceito realizada pela Promarket Pesquisas e Análises de Mercado) e Quality 2000 – 1997 (pelo reconhecimento de qualidade obtidos mediante opinião pública) enfeitam o lugar.



Além dos prêmios, um altar com cinco santos no seu escritório demonstram a religiosidade do entrevistado. Dos santos, quatro eram imagens de São Francisco de Assis, seu padroeiro. O outro era imagem de Nossa Senhora.

e pergunto se tá tudo direitinho, (se) tá tudo pago, né. Olha eu só viajo uma vez por mês, mas um funcionário meu, de confiança, vai duas vezes por semana.

Juliana – Chico, quando você viajava, quem era que cuidava da barraca?

Chico – Minha esposa. Minha esposa era... O forte aqui era ela. Tinha de tomar de conta.

Daniel – Chico, você disse que paga bem, né? Segundo um material levantado pela equipe de produção, o senhor comprava os caranguejos dos catadores por cinquenta centavos e aqui, na Praia do Futuro, a média chega a dois reais e cinquenta (R\$ 2,50), dois reais e oitenta (R\$ 2,80). Esse preço é alto porque tem público pra pagar? Por que esse preço é tão alto em relação ao preço lá dos catadores?

Chico – Hoje, eu mesmo tô vendendo aqui na barraca... Para os meus fornecedores, de noventa centavos a um real, é... Um e dez (R\$ 1,10) é o preço máximo. Agora essa margem de lucro vocês sabem, tem o imposto, tem funcionários, tem os próprios comerciantes, né? Tem a perda também. Por exemplo, o meu vizinho, sei lá, o Itapariká. O Itapariká (uma das mais freqüentadas barracas na Praia do Futuro) compra mil caranguejos, por exemplo, pensando em vender os mil caranguejos, mas se a clientela não for, só for pra comer oitocentos, os outros duzentos, praticamente, ele joga no mato. Aproveita pra tirar a carne paga, mas é mal aproveitado. Então, por isso essa margem de lucro que é jogada em cima, né?

Humberto – Ô, Chico, você obtém mais dinheiro aqui na barraca ou com a distribuição de caranguejo?

Chico – Não, hoje a distribuição de caranguejo sempre é meu número um, graças a Deus...

Humberto – E você vende caranguejo pra quem?

Chico – Olha, hoje eu vendo pra cento e cinquenta e nove clientes.

Ciro – No Ceará, no Nordeste?

Chico – É, só aqui (Ceará).

Humberto – O senhor já pensou em expandir pra outros estados?

Chico – Não, não, porque é uma mercadoria muito complicada. Devido até a essa per-

"Eu tenho dois filhos gêmeos. Um deles, o destino dele, é aquilo na cabeça, quer porque quer abandonar os estudos para ser um cara forte do caranguejo, como eu (...)"

da, que é muito grande, varia de trinta a cinquenta por cento, e é obrigado... Vai ter dia que vocês vão (me) ver em cima de caminhão aí, quando o caminhão chega... E, hoje, o material humano é muito difícil e o caranguejo é uma mercadoria que, quando apodrece, na hora, você tem que jogar no mato, não dá pra mandar guardar, entendeu? Às vezes, eu resolvo viajar pra tirar um dia ou dois de descanso. No dia de caranguejo, eu tô sabendo que ali eu tô correndo um risco muito grande.

Tarciana – Chico, como foi que começou essa saída da venda do caranguejo da praia, novamente, né? Porque vocês começaram a vender no Centro, vieram pra praia e começaram a vender nos barzinhos. Como foi que começou essa venda, fora da praia?

Chico – Esses barzinhos foram surgindo mesmo, dia a dia, de um por um eles foram criando, aproveitando a carona da quinta-feira. Por exemplo, antigamente eu me preocupava com a praia, o sol, que era sábado e domingo. Hoje eu tô me preocupando mais com a quinta-feira nesses barzinhos. A venda dos barzinhos hoje tá dando pela venda de sábado e domingo da praia. Alguns barraqueiros reclamam muito de mim porque eu vendo. O meu papel é vender caranguejo, então se você tem um barzinho, eu tô aqui pra vender, né? Mas hoje eu me preocupo muito mais com a quinta-feira à noite, no número de... vamos supor, se eu vender mil caranguejos, sábado e domingo, durante a quinta-feira talvez eu venda mais de mil.

Marcos – E existem fornecedores para os quais você passa que cobram um caranguejo específico, por exemplo, o Beach Park (Parque aquático, localizado no Porto das Dunas, no Ceará), ou alguma outra barraca, que cobra um caranguejo de melhor qualidade ou isso inexistente?

Chico – Os caranguejos, eles todos são padrão. Eles vêm numa amarragem de quarenta caranguejos, sabe? Então, daqueles quarenta caranguejos, você aproveita uma mercadoria boa. Então, vai logo pra uma perda de cinquenta, às vezes, sessenta por cento. Vem pequeno, vem o grande, vem o médio. Então, os restaurantes classificam, bota só o grande mesmo, cobra um preço melhor. Já outros, que têm a clientela mais baixa, botam todos, o pequeno, médio e grande, e cobram um preço mais razoável. En-

Na estátua de Nossa Senhora, ela segura cuidadosamente a cabeça de São Francisco, como se fosse um filho. Aparentemente, a cabeça foi tirada de um dos santinhos e posta, propositalmente, nos braços da Santa.

tão, a única diferença é essa. Se eu for numa barraca dessas, vamos supor: a minha ou o do Havaí (*barraca da Praia do Futuro*), a gente cobra o preço lá em cima pra ter uma mercadoria melhor, se já vai pra outra barraca, como Ula-Ula, o preço lá do caranguejo já é metade do nosso, deve ser um e quarenta (R\$1,40), mas, também, você come toda a "porqueira", o grande, o pequeno, vai tudo. Essa é a única diferença.

Juliana – *Quanto é que sai o amarrado?*

Chico – Hoje eu tô vendendo o amarrado a vinte e três reais (R\$ 23,00).

Humberto – *Ô, Chico, a venda de caranguejo aqui na barraca diminuiu com um maior número de compradores, restaurantes, bares?*

Chico – Caiu na quinta-feira. A minha venda caiu muito, porque na época que começou era todo mundo aqui. Não tinha esses barzinhos, não tinha nada. Era o pessoal turista, era o pessoal da terra, né? E hoje, com essa "ruma" de restaurante, o pessoal da terra tão tudo comendo os seus caranguejinhos por lá mesmo.

Fernando – *Mas há uma preocupação da barraca em trazer esse pessoal de volta pra cá? O pessoal da terra?*

Chico – É, em trazer, porque eu gostaria de ter o pessoal da terra. Mas quanto a minha venda de caranguejo, graças a Deus, eu tô satisfeito com os barzinhos, né? O pessoal comendo lá, é como se tivesse comendo aqui. É a mesma coisa, não tem diferença.

Juliana – *Chico, você acha que no ramo de vendas, no caso aí de caranguejo, o estudo hoje em dia é fundamental?*

Chico – É. Hoje já penso diferente, porque, é como aca-

bei de dizer, muda muito, né? Naquela época, ninguém pensava, não tinha essa dificuldade. Hoje, cada dia que tá se passando... Hoje mesmo não aconselho. Eu tenho dois filhos gêmeos. Um deles, o destino dele, é aquilo na cabeça, quer porque quer abandonar os estudos para ser um cara forte do caranguejo, como eu, e eu tô em cima dele, não aceito de jeito nenhum. A loucura dele é vender caranguejo, é largar tudo e eu não aconselho de jeito nenhum.

Juliana – *A que você atribui esse sucesso do empreen-*

"Sábado e domingo, sou obrigado a me levantar quatro horas da manhã. No dia em que não me levanto quatro horas da manhã, minha renda cai um pouco, porque descontrola, certo?"

dimento, já que você não teve estudo?

Chico – Olhe, primeiro de tudo a Deus, né? Pela boa vontade de trabalhar, como sempre eu tive, sempre fui um cara trabalhador. E sempre trabalhei de manhã cedo, até cinco horas da noite. Essa barraca passou quatorze anos sendo aberta vinte e quatro horas por dia. Foi a única barraca da praia que era aberta vinte e quatro horas. Era eu, minha esposa, meus filhos aqui dentro... Não tinha porta.

Juliana – *Você teve que fechar alguma vez a barraca, teve algum problema?*

Chico – Uma vez, nós tivemos um problema. Uma vez me senti cansado, eu achava que tava cansado, e tinha um amigo, daqueles dentro de casa, do peito mesmo, como se fosse um irmão, e achava

que tava fazendo um bom negócio e arrendei essa casa pelo ano, pra ele, pra mim descansar, eu e minha esposa. Só que era um mau elemento. Na época, não me pagou e fui "questão em questão" (*Chico refere-se aos recursos que podem ser requeridos na Justiça*), e a Justiça me botou pra dentro e pra fora. Foi fechado uma época...

Juliana – *Por quanto tempo?*

Chico – Não, foi questão de duas noites, no máximo.

Daniel – *Chico, você falou aí no mau-caráter e tudo mais. Durante a entrevista, você falou também de inimigos que seriam invejosos. Hoje, quem são os seus inimigos? O senhor pode citar algum nome?*

Chico – Não, posso não. Olhe, não, não, vamo evitar porque...

Juliana – *Não, mas, os maiores concorrentes atualmente na venda de caranguejo. Quem seriam eles?*

Chico – Olhe, tem um rapaz chamado Paulo, que ele tá com essa venda de trinta por cento, no máximo. O outro é o meu próprio filho, que também deve tá com uns quinze por cento. Hoje são os meus dois concorrentes que nós temos em Fortaleza.

Fernando – *Você falou que o seu filho quer largar tudo pra se lançar no ramo do caranguejo...*

Chico – *Exato.*

Fernando – *... que nem o senhor fez, né? Se fosse o senhor hoje, com as dificuldades que tem, você acha que, sem estudo, conseguiria construir tudo que construiu?*

Chico – De jeito nenhum, nem pensar.

Fernando – *Por quê?*

Chico – Porque devido, exatamente, às dificuldades.



Ainda no escritório, havia um quadro com o desenho da primeira mulher de Chico, com a frase "Eternas saudades, Zeza!", feito pela artista Geisa Matos, e um perfil jornalístico da Gazeta Mercantil, que a repórter Adriana Thomasi fez sobre ele.

No pequeno e simples escritório, que conta com dois ventiladores, duas garrafas de uísque escocês foram encontrados em cima do frigobar. Juliana, curiosa, constatou que eram Grand Macnish – Scotch Whiskies (made in Scotland).



No meio da correria no escritório de Chico, na pré-entrevista, uma senhora baixinha, muito simples e de vestido vermelho passou. Tarciana perguntou: "Será que é a mãe do Chico"? E era. Uma entrevista com a genitora foi rapidamente programada.

Diante daquela época, o negócio era muito bom, tinha mais facilidades, o pessoal acreditava na gente. Não tinha isso de malandragem tanto que tem hoje, o pessoal enganando, né? Hoje pra você entrar no mercado é muito difícil, porque você sente que o pessoal, por mais bom que você seja, o pessoal vai logo pensando que você é mau-caráter, que vai lhe enganar. Você não consegue crédito de jeito nenhum.

Cristina – Chico, o pessoal que compra do senhor, são grandes empresários? O que eu tô querendo perguntar é o seguinte: o pessoal que compra do senhor, eles têm estudo e o senhor... (É) um dom que o senhor tem. Como é que o senhor comercializa com eles?

Chico – Eu acho... Como você fala, é um dom. E eles são os empresários, têm estudo, têm tudo, né?

Cristina – O senhor vê diferença?

Chico – Eu vejo diferença. Eu tenho isso comigo como um dom que Deus me deu.

Humberto – Como é o relacionamento com esse seu filho que já tá no ramo?

Chico – Ele já tá. As minhas intenções é de passar (os negócios) pra ele, né? Então, tô mexendo em outro tipo de ramo, que é o de supermercados, e minhas intenções é entregar toda a barraca para uma filha minha, que se forma agora em Administração (Francisca Érika Silva Lourenço, 27 anos, responsável pelo setor financeiro da barraca). Já tá até terminando. E ela já tá certa em receber a barraca de presente, né? E ela (vai) assumir cem por cento a barraca.

Maria Rita – Você disse que queria montar um supermercado, e, na pré-entrevista,

o senhor falou que queria descansar. Eu queria saber por que o senhor não descansa em um empreendimento mais simples do que em um supermercado, que vai dar muito mais trabalho.

Chico – Não, mas supermercado... Hoje a dificuldade que eu vejo é ter que viajar muito para a Parnaíba e outros cantos. O caranguejo, por exemplo, no dia que ele chega, eu sou obrigado a me levantar quatro horas da madrugada... Sábado e domingo, sou obrigado a me levantar quatro horas da manhã. No

"Eu aqui sou gerente, sou chefe de cozinha, sou o zelador. Somos tudo aqui. Nós somos a única casa que você vê o dono e a dona direto".

dia em que não me levanto quatro horas da manhã, minha renda cai um pouco, porque descontrola, certo? E o supermercado não, você bota um bom gerente, vai só fiscalizar. É hoje o que eu tô fazendo, né? Não tô indo atrás de dinheiro, porque já tô com a equipe montada. Tem gerente. Eu não abro supermercado, eu não fecho. Ele abre seis horas da manhã e fecha o quê? Nove horas da noite. Mas eu chego lá dez horas da manhã, vou à tarde, depois daqui dou uma passada... Não tem essa obrigação, né?

Daniel – E quais são os outros negócios que você tem? Fora o ramo de supermercado, tem a barraca, quais os outros? Você também tem uma frota de carros?

Chico – Não, eu tenho um onibuzinho que faz turismo, né? Tenho uns caminhões que

também fazem transporte e levam mercadoria. Daqui para a Parnaíba, eu sou como se fosse uma transportadora. Como meu caranguejo sai mais barato, então, agora mesmo tem um caminhão parado, vocês viram a Mercedes vermelha aí? Tem uma Mercedes aí vermelha, carregada (de caranguejo) do Pará. Então, de lá pra cá, eu vendo o caranguejo e volto carregado daqui pra lá.

Daniel – Aí, nesse outro ramo do turismo, que o senhor falou, tem ônibus?

Chico – É, tenho dois ônibus que faz fretamento turístico meu.

Juliana – E você tem uma madeireira?

Chico – Um depósito de construção.

Juliana – Um depósito de construção?

Chico – É, agora eu tô com essas quatro atividades em cada meio.

Fernando – E por que esse interesse em abrir esses negócios?

Chico – Pois é, pra exatamente ver se vai criando mais alguma coisa, né? E cada um negócio que eu tô abrindo, é pensando em botar um filho lá dentro. Mas nenhum quer, todos tão em volta da barraca.

Ciro – Chico, você citou algumas vezes a sua esposa. Foi uma mulher que lhe ajudou a construir a barraca. Você deve muito a ela?

Chico – Devo. Muito, muito, muito.

Ciro – Como era o relacionamento com ela, o dia-a-dia dela na barraca?

Chico – Nós éramos direto aqui, inclusive nós fizemos muito reveillon aqui nessa barraca. Nós dormimos, no reveillon, na beira da praia porque não tinha como ir pra casa.

A mãe de Chico, Dona Clotilde, que costuma ir à barraca aos domingos, resolveu ir naquele sábado apenas para buscar alguns caranguejos e acabou lembrando, ora sorrindo, ora chorando, os tempos difíceis da família Querino.

Nós morávamos em Mes-sejana. Nós pagávamos segurança pra nós cochilarmos ali. Nós trabalhamos os dois igual, nós éramos duas máquinas, mesmo, daquelas mesmo forte de trabalhar. Nós não tínhamos preguiça. Era eu e ela. Quando nós saíamos pra "farriar", eram os dois juntos, nós confiávamos um no outro. Nós não sabíamos o que tinha naquela gaveta, tanto eu metia a mão, como ela metia. As nossas contas no banco eram conta conjunta. A gente nunca desconfiou um do outro. Era sempre trabalhando em conjunto.

Juliana – *E você se casou com quantos anos?*

Chico – Eu me casei com 18 anos.

Tarciana – *Como é que você vê essa ligação dos seus filhos com a barraca?*

Chico – Não sei se é devido à facilidade. Aqui, além do trabalho, é diversão. Na quinta-feira, várias bandas. A gente trabalha, mas se diverte também, né?

Tarciana – *Mas por que então essa tentativa de botar eles pra outros negócios?*

Chico – Olha, eu acho que... Por exemplo, aqui, antigamente, eles eram pequenos, eles ficavam satisfeitos com um brinquedo, uma besteira. Hoje já cresceram, só querem carro importado, num sei o quê, e não dá pra tirar tudo daqui, não dá (*com ênfase*). A cacimba foi secando. De primeiro dava, você dava um brinquedinho a cada um. Hoje todos eles têm sua vida, todos eles cresceram. E para falar a verdade, se nós formos ficar só aqui na barraca, não dá. Dá sim pra ter uma bicicletinha, uma besteirazinha, andar de ônibus. Mas pra cada qual 'luxar', farriar e papocar dinheiro, não dá. Tem que se dividir.

Paulo Júnior – *Então você acha que os seus filhos já estão preparados para assumir? E complementando a pergunta, e você, vai ser fácil deixar a barraca de lado para tentar os outros negócios?*

Chico – Vai, porque tô deixando em boas mãos, né? Da minha filha. E eles também tão com essa mesma mania de se levantar cedo, sábado, domingo. Então, eles tão comigo no caranguejo direto, os meus filhos, todos eles.

Juliana – *Chico, mas depois que você montou a barraca, foi com quanto*

"Olhe, é um prato, pra onde eu vou, é o número um... Pra falar a verdade, não tem quem diga que não goste de caranguejo. É muita pouca gente".

tempo que você começou a ver lucro?

Chico – Olhe, depois que essa quinta-feira começou, com dois anos em diante, ela começou a ter lucro. Principalmente, naquela época, eu acho que eu tinha mais lucro do que hoje. Naquela época, era só eu mesmo, não tinha ninguém...

Juliana – *Há quantos anos?*

Chico – Olhe, isso, há uns treze anos atrás ou quatorze anos, a gente botava, nesse meio de rua aqui, não tinha calçamento, era piçarra. Naquela época, nós chegávamos a botar trezentas mesas, quatrocentas espalhadas. O pessoal não tinha outro canto pra ir, era moda, o pessoal vinha mesmo. Talvez nós vendêssemos as coisas mais caras que hoje. Hoje não, nós temos que manter um preço razoável, porque tem muita opção. Na-

quela época, não tinha. Era aqui mesmo e acabou.

Fernando – *Você vê nos seus filhos, hoje, grandes empresários? Você acha que o negócio vai aumentar, vai estagnar, vai continuar do jeito que tá?*

Chico – Eu acho que vai ficar em boas mãos, né? Agora, a minha segurança mais é se todos eles dividissem.

Daniel – *Chico, no material levantado pela equipe, a Érika fala que você é uma pessoa que conversa pouco com eles... Não pergunta como tá a faculdade. O que é que o senhor acha? Falta diálogo com os seus filhos?*

Chico – É, falta de tempo.

Daniel – *Falta de tempo?*

Chico – É, porque, exatamente, eu vivo no meio do mundo trabalhando. E naquela época, quem se dava muito era a minha esposa, tava sempre ligada a eles e tudo.

Daniel – *E você acha que com que esses outros negócios vai ter mais tempo pra eles ou dessa vez vão ser eles que não vão ter mais tempo pro senhor?*

Chico – Não, eu vou... Vai ter mais tempo. Deus queira.

Paulo Júnior – *Você acha que eles até vieram pra cá para se aproximar de você, Chico? Porque a gente fica se perguntando qual a relação que existe com a barraca. Você acha que eles vieram pra se aproximar? Vocês se tornaram mais próximos enquanto estiveram juntos?*

Chico – Não, eu acho que é desde a época da mãe deles... Nossa casa era praticamente aqui. A gente almoçava, jantava. Ia pra casa mais pra dormir, né? Ia pro colégio (*os filhos*), voltava pra cá.

Cristina – *Seus filhos são todos assim trabalhadores e*



A intenção de dona Clotilde Querino era satisfazer o "desejo" de uma amiga grávida. A mãe de Chico saiu da barraca com dois surrões cheios de caranguejos.

Durante a produção, a equipe contactou alguns amigos de Chico para falar sobre ele. Alguns deles, antes de dar a entrevista, perguntaram a Chico "que história era aquela de gente perguntando sobre ele". Chico disse: "Pode falar, são uns meninos aí querendo fazer uma entrevista comigo".



Quando a equipe de produção da entrevista do Chico do Caranguejo chegou à Praia do Futuro, o professor da disciplina, Ronaldo Salgado, já estava sentado em uma das mesas.

“máquinas fortes” como o senhor e sua esposa?

Chico – São.

Tarciana – Chico, nas entrevistas, falaram da Érika como sendo o seu braço direito...

Chico – É. Isso é verdade.

Tarciana – ... Como é que fica essa ligação sua e da Érika?

Chico – É, hoje, por exemplo, você vê que eu ainda não sei quase mexer com banco, negócio de extrato, essas coisas de transferir dinheiro. Tudo isso quem fazia era minha esposa, né? Aí, ela assumiu o lugar da minha esposa. Hoje tô sempre dependendo da Érika. É ela quem mexe com esse negócio de banco, ela que é de minha confiança. Tudo é com ela, na mão dela. Então, a nossa ligação é bem forte.

Karine – E Chico, com relação à barraca, você disse que a Praia do Futuro, no início, se resumia a poucas barracas...

Chico – Poucas barracas.

Karine – No entanto, hoje ocorre uma explosão de barracas, inclusive não oferecendo mais só o tradicional caranguejo com cerveja, mas também outros serviços, até como massagem, piscinas, espaço para crianças. No seu caso, quais os serviços que você oferece na barraca como diferencial dos outros?

Chico – Não, basicamente igual. O único diferencial é o nosso caranguejo, porque em algumas barracas faltam, e eu como distribuidor sempre tenho caranguejo aqui, praticamente, vinte e quatro horas. Como ele sai mais barato pra mim, que tenho sempre uma mercadoria mais de qualidade... E você para manter uma barraca com caranguejo dire-

to, é difícil. É o que eu acabei de dizer. Você só tem que comprar, pensando em vender. Qualquer barraqueiro que comprar o caranguejo, o que sobrar já é prejuízo. Então, ele não tem aquela coragem. Eu não, se eu vendo mil caranguejos, eu já boto mil e duzentos, mil e trezentos, já pra sobrar. Então, esse é meu diferencial aqui. Outro... As outras casas dependem de gerente. Eu aqui sou gerente, sou chefe de cozinha, sou o zelador. Somos tudo aqui. Nós somos a única casa que você vê o dono e a dona direto. Não tem negócio...

“Eu gosto de me sentar em qualquer lugar, eu gosto de andar em botequim, não gosto de aparecer de jeito nenhum... Ser aquela pessoa simples e tá em todo canto”.

Daniel – Chico, dizem que você, às vezes, fica meio nervoso, dá uns gritos no pessoal...

Chico – É. Isso é verdade (todos riem).

Paulo Júnior – É um mal necessário?

Chico – É porque o material humano, hoje, se você não tiver em cima... Mexe com muita gente do interior aqui, entendeu? Então tem que tá gritando direto.

Humberto – Você come muito caranguejo desde a sua infância?

Chico – Olhe, é um prato, pra onde eu vou, é o número um... Pra falar a verdade, não tem quem diga que não goste de caranguejo. É muita pouca gente. Então, pra onde eu vou, se tiver caranguejo... Uma lagosta ou camarão, pode ser o que for, mas caranguejo eu não nego, não.

Tarciana – Chico, você falou que há quatorze anos vai a Canindé (No início da entrevista, Chico disse que estava gripado devido a uma viagem a Canindé. Todos os anos, ele participa de uma romaria e segue um percurso de 120km a pé até a cidade).

Chico – É.

Tarciana – Fala mais um pouco sobre essas viagens.

Fernando – Você falou que acabou de voltar da caminhada... Quando o senhor foi?

Chico – Nós saímos daqui sexta-feira que passou (08/10/2004).

Fernando – Quanto dias a pé?

Chico – Cinco dias.

Essa viagem veio de uma virada que nós tivemos de um caminhão carregado de caranguejo. O caminhão virou, inclusive, na época, não morreu ninguém. Em questão de dois, três meses, foi morrendo um, dois, chegando a morrer até quatro pessoas da virada. E eu fiz essa promessa para ir a Canindé a pé. Nos dois primeiros anos da virada, eu tentei ir, mas voltei no meio do caminho, não tinha muita experiência. Voltei, porque os pés incharam demais, não deu. Aí depois eu soube que tinha uma caminhada aqui da dona Maria Salgado, que saía lá do Montese (bairro de Fortaleza). O nosso grupo hoje é em torno de cento e noventa, duzentas e poucas pessoas. O grupo já se dividiu por três vezes, porque o grupo cresce... Quem vai o primeiro ano, nunca deixa de ir e convida um amigo pra ir. Aquele amigo já convida outro, né? É uma caminhada muito linda, é como se você passasse cinco dias dentro duma igreja. E nessa caminhada vai uns oito ou dez vigilan-

Aos poucos, os alunos da disciplina foram chegando à barraca. A aluna Maria Rita, chegou bem descontraída ao ambiente, perguntando: “Vocês trouxeram biquíni, garotas?”

tes, vendo o que você faz, o que não faz. Nem a camisa você pode tirar no meio do caminho. Se vai com a esposa ou com a namorada, tem que ter muito respeito. Nem um beijo pode dar na esposa. É como se você tivesse cinco dias dentro da igreja.

Daniel – Ô, Chico, você é muito religioso, isso vem desde pequeno?

Chico – Desde pequeno. Desde pequeno.

Daniel – Isso só se fortaleceu depois desse episódio do caminhão virado?

Chico – Não, sempre eu ia a Canindé, sempre fui devoto de São Francisco, entendeu? Eu tenho essas preocupações quando eu viajo... Desde os dez anos, eu acendo duas velas pra São Francisco, todo dia, lá em casa. Outra coisa... Todo dia você vê duas velas azevinhas, todo santo dia. Ou que chova ou que faça sol. Quando eu viajo, o que é mais recomendado: jamais pode deixar de acender as velas.

Juliana – Chico, durante as caminhadas você e outras pessoas costumam doar cestas, né?

Chico – É, isso é verdade.

Juliana – Essas cestas vão para as pessoas das cidades ou da própria caminhada?

Chico – Não, o pessoal da beira da estrada. O lugar mais carente, a gente vai dando.

Juliana – E quantas cestas são doadas?

Chico – Olhe, em torno, varia... Esse ano foi só umas seiscentas e cinquenta cestas. Teve ano que foi pra mil e tantas.

Daniel – O senhor contribui com quantas dessas cestas?

Chico – Olhe, pra falar a verdade, nenhuma. Porque todos anos, eu dou o caminhão,

tem toda uma estrutura que a gente leva. Nessas caminhadas, vai uns trinta... Vai de vinte a trinta carros pequenos de apoio, e vai um caminhão grande levando as mercadorias e tudo. Cada qual dá a sua contribuição. Nessa caminhada, vai quem tem dinheiro, vai quem não tem, vai pessoa simples, vai desembargador, vai advogado, vai médico, vai tudo nessa caminhada. Todos têm que ser igual, comer no mesmo prato.

Marcos – Chico, e o fato de ser São Francisco tem a ver com o fato de você ser uma

"Olha, na época, a gente se conheceu aqui na barraca e... Num momento de ficar cego um pro outro, entendeu? Eu acho que no começo, (...) eu fazia tudo que ela queria".

pessoa simples, humilde. Essa característica de ter escolhido o santo, né?

Chico – Não, não tem nada a ver não.

Marcos – Mas é uma característica do santo, né?

Chico – É.

Ciro – O seu nome, Francisco, é em homenagem a ele?

Chico – É.

Ciro – É alguma promessa ou só homenagem?

Chico – Não, não. Só homenagem mesmo.

Juliana – Chico, no material levantado, uma companheira de caminhada disse que tem muita gente que anda com você, mas nem sabe que você é o Chico do Caranguejo. É verdade que você não gosta de aparecer e gosta de manter sua descrição?

Chico – É. Eu não gosto, porque, um tempo desse, eu

andei dando umas entrevistas aqui pra uma televisão. O pessoal fica em cima da gente, fala aqui uma coisa, eles já aumentam, fala outra... Entendeu? Então, eu gosto sempre de me manter essa pessoa simples. Eu gosto de me sentar em qualquer lugar, eu gosto de andar em botequim, não gosto de aparecer de jeito nenhum... Ser aquela pessoa simples e tá em todo canto... Eu me sinto bem em ser simples, entendeu? Me sinto bem (com ênfase).

Maria Rita – Então, como é que o senhor faz pra conviver... As pessoas do seu convívio são pessoas simples... Porque o senhor cresceu muito economicamente... Talvez as pessoas mais próximas, não, como é que...

Daniel – E até o público da barraca é um pessoal turista, que tem dinheiro...

Maria Rita – É.

Chico – Olha, a minha amizade de hoje é com pessoas simples. Esse pessoal cheio de média, não sei o quê, que só entra não sei onde de paletó, eu não tenho essa amizade. O pessoal é simples como a Paula, você foi lá (diz, olhando para Tarciana. Chico refere-se à conversa que a equipe de produção teve com a amiga dele, Paula Farias, antes da entrevista), o João Airton nós nos conhecemos há bem vinte anos. Então, a minha convivência é essa. Se um de vocês me convidarem... Se for pra um negócio simples, eu vou me sentir bem, mas, se for pra casinha que tá com o talher não sei o quê, cheio de frescura, que não possa... Aí eu posso até ir, mas por educado, mas eu tô doido pra sair dali o mais rápido possível. É o meu jeito mesmo, eu não me sinto bem.



A entrevista com Chico do Caranguejo ocorreu no escritório de trabalho dele, na parte superior da barraca de praia. Tudo foi cuidadosamente preparado para receber os entrevistadores.

Quando a equipe de produção entrou na sala, o ambiente estava limpo, as cadeiras estavam dispostas em volta da mesa de grãoito e dois funcionários da barraca estavam acabando de limpá-las.



O chão do escritório de Chico estava tão limpo que o professor Ronaldo Saldado e o aluno Ciro Câmara confessaram, em um momento posterior à entrevista, que chegaram a escorregar.

Daniel – Mas o senhor hoje mora numa casa bonita, grande...

Chico – Não. Eu não moro numa casa, eu moro num sítio (atualmente, Chico mora em um sítio localizado no bairro Lagoa Redonda, em Fortaleza) que me sinto à vontade. Quando eu chego lá, eu tenho a minha piscina, eu tenho tudo. Mas, chego lá, eu fico só de calção à vontade, armo a minha rede lá no meu de que, entendeu. E sou desse jeito.

Humberto – Chico, e você gasta o seu dinheiro com o quê?

Chico – Não... Eu gasto o meu dinheiro comendo bem (risos). Eu gosto de ter o meu carro bonito, meu carro bom. Gosto de trocar de carro quando eu posso... De primeiro, eu trocava quatro, cinco vezes por ano. Hoje, o negócio acochou mais um pouco. Agora dá pra trocar uma vez por ano. E...gosto de passear sempre com os meus filhos, né? É... Eu vivo bem, graças a Deus.

Daniel – Chico, acochou por quê?

Chico – Não... De uns tempos pra cá, as coisas vão acochando mais um pouco e a gente... né? Antigamente, quando minha esposa era viva, nós éramos duas máquinas trabalhando, era mais... né? Mas o meu dinheiro é esse, eu não tenho... Eu gasto muito bem, gosto de viver bem... Quase todo dia eu saio pra jantar fora, difícil um dia que eu jante em casa. Eu gosto de viver bem. Eu tenho um dinheiro guardado, mas, o resto, graças a Deus... Eu gosto de chegar em casa, ter uma boa cama, um bom conforto, uma boa alimentação. Nessa parte, eu não tenho "miseridade". Não gosto é de ser roubado!

Fernando – Além dessa ajuda que o senhor dá pra esse

pessoal que faz a caminhada lá pra Canindé, tem também o Dia das Crianças, né? O senhor promove uma...

Chico – Tem o Dia das Crianças lá no meu sítio. Eu faço uma festa pra mil e poucas crianças carentes, entendeu?

Fernando – Desde quando?

Chico – Isso já tá com muito tempo. Já tá, acho que, bem uns quinze anos... Me sinto muito bem fazendo isso. Não tem política no meio. Só quem me dá uma ajuda mesmo é Deus, São Francisco. Mais ninguém me ajuda.

"Saio, às vezes, pra farrear, pra brincar, eu chego quinze para as quatro, durmo ali trinta minutos, já vou trabalhar no meio do mundo, não tenho hora nem nada".

Juliana – Voltando a questão do que você gasta. Qual é o seu sonho de consumo?

Chico – Qual o quê?

Juliana – O seu sonho de consumo. O que é que você quer comprar que ainda não tem?

Daniel – Que é que o dinheiro pode comprar?

Chico – Olhe, eu ainda sonho, se Deus quiser, futuramente, (em ter) um aviãozinho pra facilitar a minha viagem. (Chico refere-se à viagem que ele tem de fazer à Parnaíba, onde acompanha a venda dos caranguejos desde o mangue até a chegada na barraca em Fortaleza).

Juliana – Tá perto de concretizar esse sonho?

Chico – Não, ainda tá um pouco longe, ainda tá um pouco longe. Mas, se Deus quiser... Ainda tenho esse sonho...

Cristina – Chico... o senhor muito bem sucedido eco-

nomicamente... E os seus irmãos?

Chico – Não, nunca quise-ram nada. Nada, nada.

Cristina – Só o senhor que nasceu com essa vontade de trabalhar?

Chico – Exato.

Cristina – Eles trabalham aqui também?

Chico – Hoje eu tenho duas irmãs que trabalham aqui e um irmão: três, né? As outras trabalham fora.

Humberto – O senhor ajuda a sua família? A sua mãe, seus irmãos?

Chico – É... Os meus irmãos já tão crescidos, então eles... E a minha mãe eu mantenho até hoje, desde a idade que meu pai deixou na minha responsabilidade, né. Hoje eu tenho duas casas: a minha e a da minha mãe (há 17 anos, dona Clotilde mora no bairro Jardim Iracema, em uma casa dada por Chico).

Cristina – Seus filhos moram com o senhor?

Chico – Moram. Nós moramos vizinho. Nós moramos num sítio... Eu fiz uma casinha pra eles vizinha, lá no sítio. Eu sou muito ligado a eles, né? Aí eu me casei de novo... A minha filha disse que jamais entraria outra mulher (na casa deles). Aí eu respeitei e fiz uma casinha dentro do sítio também pra gente não... Ficaram duas casas dentro do sítio (risos).

Daniel – Chico, além do Dia das Crianças, você faz também, todo ano, uma confraternização entre os funcionários.

Chico – Faço. Na segunda-feira, após o Carnaval, é a festa de todo funcionário. É o nosso único dia que a casa é fechada, na segunda-feira, após o Carnaval. Porque eu faço eles trabalharem Natal,

A entrevista começou com cinco minutos de atraso: 15h05 min. Como Chico estava rouco, por causa de uma gripe, o tempo da entrevista foi reduzido em uma hora.

Ano Novo, Carnaval, que é o nosso forte, né? Aí o Carnaval termina o quê? Quarta-feira de Cinzas, aí, na segunda-feira, é a festa de todo mundo.

Daniel – Geralmente, onde é?

Chico – Eles escolhem o lugar. A gente não... Dá pra eles quatro, cinco opções e o que for mais votado é naquele canto. Já fizemos em Parnaíba, Canoa Quebrada, vários cantos.

Cristina – Com muito caranguejo?

Chico – Não, não tem caranguejo (risos).

Juliana – E é você quem paga a hospedagem, transporte?

Chico – Tudo é por conta da empresa. Tudo, tudo, tudo, tudo.

Daniel – Você leva setenta... São setenta e poucos funcionários?

Chico – Não, dá mais, porque eu libero o esposo e a família, até dois filhos, parece, entendeu? Então, dá direito (a) você que é casado levar a esposa, e até dois filhos e aí no final... Aí eu tenho facilidade de ônibus. Eu já tenho dois e a gente arranja mais dois e lá a gente leva todo mundo. (Nessas viagens, Chico chega a reunir uma média de duzentas pessoas, entre funcionários e parentes).

Fernando – O fato de o senhor tratar bem os funcionários, fazer esse tipo de coisa, reflete no trabalho deles aqui? Aumenta a produtividade?

Chico – Reflete, nós temos funcionário hoje que tem quinze anos de casa, outros têm dez, tem um monte de funcionário antigo, entendeu?

Juliana – E os catadores têm algum tipo de...

Chico – Não, a gente dá só um agrado a eles, só uma besteirinha. A gente manda no final do ano. Lá na Parnaíba são muitos.

Ciro – Chico, você já falou que...

Chico – Só um detalhe. Aqui também tem um negócio: o funcionário com três meses da empresa não dá direito a participar da festa (Gargalhadas da turma).

Ciro – Você já falou que tá se articulando em outras áreas de atuação, a questão da transportadora, do supermercado. Quando é que você vai descansar? Você sente a necessidade de descansar?

Chico – Rapaz, não. O trabalho me faz bem. Eu, quando tô sem fazer nada, eu tô

"Tocava fogo num canto, ia lá, brigava, tacava a cadeira, outro tacava o pau. Nós tínhamos, aqui, acho que mais de duzentas pessoas apagando o fogo dessa barraca".

doente. Então, quando eu tô sem trabalho, eu... Eu tô com um problema muito sério agora porque eu me casei com uma garota (Regina Célia Dias Leite, 29 anos), só que ela já era casada com um cara muito rico de Brasília. Então, ela era considerada uma pessoa rica, e eu, um cara simples. E ela quer levar vida de rico e não tá dando certo por isso aí. Eu me levanto quatro, cinco horas da manhã, ela quer dormir até oito, nove horas, quer que eu durma com ela também até essa hora (risos). Ela não quer que eu trabalhe dia de domingo, entendeu? Então, tá sendo... A maior dificuldade que eu estou tendo é agora, porque a vida dela é completamente diferente da minha. Ela é exatamente a mulher de paletó, não sei o quê, e eu não tô...

Nós não estamos se dando bem só devido essa situação.

Cristina – E como é que vocês resolveram se casar com essas diferenças?

Chico – Olha, na época, a gente se conheceu aqui na barraca e... Num momento de ficar cego um pro outro, entendeu (risos)? Eu acho que no começo, pra ela me pegar e eu pegar ela, eu fazia tudo que ela queria, porque... Aí foi onde eu tentei vestir o paletó pra poder conquistar, entendeu...

Humberto – Que é que você chegou a fazer por ela?

Chico – Tudo. Ia exatamente nos lugares, que era Mucuripe (boite noturna, localizada na avenida Leste-Oeste, muito famosa em Fortaleza) não sei o quê... (Gargalhadas). Eu fui no Mucuripe o quê? Três ou foi quatro vezes. Eu ia a força por ela (com ênfase).

Ciro – O senhor gostou de lá?

Chico – É... (hesitando). Eu gostei, mas... Diferente de um Siqueira (Clube. Um dos mais populares clubes de dança de forró em Fortaleza), entendeu? (Mais gargalhadas). Sempre eu gosto de um siqueirzinho, né? A Érika gosta muito lá do Siqueira, aí sempre eu vou lá dizendo que eu sou motorista da Érika. Mas eu vou ao Siqueira, gosto do Tremendão (bar-restaurant localizado às margens da Lagoa de Messejana, em Fortaleza), né? Você me vê no Tremendão, Siqueira, nesses cantos.

Juliana – E com quanto tempo de namoro vocês casaram?

Chico – Com nove meses de namoro.

Humberto – A família teve alguma oposição?



Depois de os gravadores terem sido desligados, a aluna Maria Rita perguntou, curiosa, se Chico conhecia a música "Caranguejo Sá". "Meu pai pediu para perguntar se (a música) tem a ver com a sua vida", justificou ela.

Embora a canção tenha, de fato, a ver com a vida de Chico, a resposta dele foi um tímido: "Não, tem, não".



Ao fim da entrevista, Chico estava tão entusiasmado que até a rouquidão havia desaparecido e ainda chegou a convidar a turma para ir à barraca numa quinta-feira, oferecendo cortesias!

Chico – Teve. Meus filhos nunca... Toda a vida foram contra, como, até hoje, são contra.

Cristina – *Mas eles se dão com ela?*

Chico – Se dão, se falam bem e tudo... Com jeito, né? Moram quase na mesma casa, que é vizinho, né... ?

Fernando – *Você já tá com ela há quanto tempo?*

Chico – Nós vamos agora exatamente no dia 25 (de outubro de 2004) fazer um ano de casado.

Tarciana – *Uma coisa é que seu nome, esse nome Chico do Caranguejo, foi crescendo junto com a barraca. Qual a diferença que há – se há alguma diferença – entre o Chico do Caranguejo e o Francisco Querino?*

Chico – Não há diferença, não.

Daniel – *E antes de ser conhecido como Chico do Caranguejo, você tinha algum outro apelido?*

Chico – Tinha não. Porque eu fui conhecido como Chico do Caranguejo desde a época do meu pai. Quando eu era pequeno, começava a ajudar ele, o pessoal sempre me chamava de Chico. Meu nome não era pra ser Francisco, era pra ser Pedro.

Cristina – *E por que o seu nome ia ser Pedro?*

Chico – Na época em que minha mãe me teve, ela morava com a mãe dela. No mesmo dia, as duas deram à luz a duas crianças...

Cristina – *A sua vó e a sua mãe?*

Chico – ...A minha avó e a minha mãe. E hoje eu tenho um tio que nós fazemos aniversário no mesmo dia. E, naquela época, eu acho que não podia ter duas pessoas com o mesmo nome dentro de casa. E sempre o pessoal botava no

filho o nome de santo. A minha avó botou o filho dela com o nome de Pedro e mandou que a minha mãe desse um jeito de arrumar outro nome para o filho (dela). E a vó não aceitou ela botar nome de Pedro dentro de casa, porque Pedro já ia ser o filho dela. Aí ela teve que... Houve essa coincidência. É São Francisco, é Chico, é o meu signo, né?

Tarciana – *Chico, você se descreve como um homem forte...*

Fernando – *Por que o senhor se descreve como um homem forte?*

“Chorei muito, lutei muito... Eu nunca imaginaria que eu tinha tanto amigo, aqui, nessa beira de praia. Foi tanta amizade, tanto amigo que apareceu (...) Os bombeiros demoraram a chegar”.

Chico – Não sei. É essa vontade mesmo de trabalhar, eu não tenho preguiça, eu tô em cima. Saio, às vezes, pra farrear, pra brincar, eu chego quinze para as quatro, durmo ali trinta minutos, já vou trabalhar no meio do mundo, não tenho hora nem nada.

Fernando – *O sucesso então do senhor é vontade de trabalhar?*

Chico – Vontade de trabalhar.

Tarciana – *E valeu a pena, vale a pena, Chico?*

Chico – Vale, vale, valeu.

Humberto – *E trabalha tanto por quê? Por que tanto trabalho?*

Chico – É o meu serviço (com ênfase). Ele puxa muito. Uma barraca dessa, o ideal é você tá de manhã, de tarde, de noite. É... Viajar para Parnaíba. É muito puxado. Chega em

Parnaíba você tem que ir lá pra dentro do mangue, entendeu.

Humberto – *Assim, porque quando você começou a trabalhar com cinco, oito anos, né, você tinha que trabalhar porque, se não, a sua mãe, os seus irmãos...*

Chico – Passavam necessidade!

Humberto – *Passavam necessidade.*

Chico – Exato.

Humberto – *E agora já tem como todo mundo viver bem. O senhor ainda trabalha só por mania até?*

Chico – Não. Porque, olhe, se você botar um cara hoje para gerenciar um negócio desse aqui, ele vai querer dois, três mil, não faz o serviço pela metade, não sai bem feito... Eu sou mais fazer bem feito, né? E tô entregando o negócio para a Érika, minha filha, que ela tá aí assumindo, se Deus quiser.

Karine – *Chico, este (2004) ano ocorreu um incêndio aqui próximo a sua barraca...*

Chico – Foi.

Karine – *... Inclusive parte da barraca pegou fogo. Você tava nesse momento? (Um incêndio, ocorrido a 29/07/2004, atingiu a entrada e parte da palha que reveste o teto da barraca “Chico do Caranguejo”. O fogo destruiu também duas barracas vizinhas: “Caranguejo do Mendes” e “Atlantidz”. O incêndio foi causado por uma explosão próxima ao palco da barraca “Atlantidz”).*

Chico – Tava. Chorei muito, lutei muito. Outra coisa, eu nunca imaginaria que eu tinha tanto amigo, aqui, nessa beira de praia. Foi tanta amizade, tanto amigo que apareceu. Uma senhora... Um casal se

Depois da entrevista com Chico, ao invés de comer caranguejo, alguns alunos e o professor Ronaldo Salgado saíram para comer picanha e conversar sobre a entrevista e outras cositas más.

ajoelhando no meio da rua. Secaram a piscina jogando água. Os bombeiros demoraram a chegar, a gente via as duas casas (as barracas "Caranguejo do Mendes" e "Atlantidz") já pegarem fogo. Tocava fogo num canto, ia lá, brigava, tacava a cadeira, outro tacava o pau. Nós tínhamos, aqui, acho que mais de duzentas pessoas apagando o fogo dessa barraca.

Karine – *Você teve medo de perder a barraca?*

Chico – Tive. Na hora tive medo, né? Deu um medo muito grande. Você ver o seu negócio pegando fogo, desabando.

Humberto – *O coronel Moreira do Corpo de Bombeiros afirmou que nenhuma das três barracas que pegaram fogo tinham autorização do corpo de bombeiros para funcionar. O senhor confirma essa história? Ele disse tam-*

bém que não tinham extintores de incêndio. O senhor estava preparado para...

Chico – Olha, sempre eu tive incêndio, né? Essa autorização aqui dos bombeiros, pelo o que eu conheço, eles sempre exigem só que você tenha extintor e mais nada. Nunca ouvi falar essa conversa que tem que ter autorização. Todas elas, você vai em qualquer uma (refere-se às barracas da Praia do Futuro) e a única exigência é você ter o extintor e mais nada.

Fernando – *O senhor costuma ajudar o pessoal próximo, aqui, que mora na favela (favela perto da barraca do Chico, na Praia do Futuro)?*

Chico – Rapaz, eu ajudo da maneira... O caranguejo, era como eu estava dizendo, ele tem a perda do morto, tem a perda do que tá na pata, por grande que seja o caranguejo, cai uma

pata, os clientes na mesa não querem. Então, aqui, por semana, só de caranguejo com a pata pequena eu devo dar pra esse pessoal de favela de oitocentos a mil caranguejos. Então, se é de jogar fora, eu dou pra eles, entendeu? Faço uma mudança, uma besteira quando eles precisam, né? Sempre eu...

Humberto – *Chico, quanto a assalto? Já teve assalto aqui na barraca?*

Chico – Teve um assalto... Mas já tá com muito tempo, viu? Já tá bem com uns dez anos já.

Humberto – *O senhor acha que como você tem essa amizade com a população... O senhor se sente de certa maneira protegido? Que as pessoas não vão lhe fazer mal já que gostam do senhor?*

Chico – É, eu me sinto protegido aqui, entendeu? Não tenho inimigo. É



Durante a decupagem, a equipe de produção percebeu a grande incidência de perguntas do aluno Humberto. O que gerou até uma contagem... UMBerto, DOISberto, TRÊSberto...